

4

Orientações teórico-metodológicas da pesquisa

O presente capítulo traz questões concernentes à metodologia de pesquisa e ao tratamento dos dados, que foram gerados em entrevistas semi-estruturadas feitas com jovens intercambistas no estado de Minas Gerais.

A alternância de códigos é uma característica marcante nas entrevistas, devido às diferentes nacionalidades dos participantes. Inicialmente explico a natureza da pesquisa, de abordagem qualitativa, que tem por objetivo compreender como os participantes se posicionam como estabelecidos, *outsiders* ou em um entre-lugar cultural através de seus discursos – mais especificamente, das narrativas co-construídas nas entrevistas de pesquisa. Em seguida, trato da contextualização da pesquisa, bem como da negociação para a realização da mesma.

A questão da transcrição, organização e seleção dos dados também é tratada. Para concluir o capítulo, procuro estabelecer orientações norteadoras da análise dos dados.

4.1.

Natureza da pesquisa

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa (Erickson, 1986; Denzin & Lincoln, 1994, 2006). Segundo a definição de Denzin & Lincoln (2006, p.390),

a pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas lealdades éticas e políticas. A pesquisa qualitativa adota duas tensões ao mesmo tempo. Por um lado, é atraída a uma sensibilidade geral, interpretativa, pós-experimental, pós-moderna, feminista e crítica. Por outro lado, é moldada para concepções da

experiência humana e de sua análise mais restritas à definição positivista, pós-positivista, humanista e naturalista.

O foco multiparadigmático da pesquisa qualitativa requer que o pesquisador, além de se considerar um participante integrante no processo da pesquisa, saiba também lançar olhares múltiplos sobre os sujeitos, regiões, comunidades estudados. O olhar multifacetado do observador, bem como a compreensão de que os sujeitos podem construir para si identidades múltiplas é essencial na pesquisa qualitativa, que tem como objetivo pesquisar os acontecimentos em seus “locais naturais”.

É esse olhar multifacetado que permite a aproximação e o distanciamento do objeto ou do sujeito da pesquisa; permite a compreensão de características sociais micro e macro e a relação entre as mesmas.

Essa visão de mundo permeia a realização e o estudo de entrevistas em que as narrativas são vistas como locais de co-construção de experiências e de identidades (ver capítulo 2).

4.1.1. A entrevista na abordagem qualitativa

Partindo de pressupostos da pesquisa qualitativa e interpretativa, as entrevistas feitas foram semi-estruturadas (Fontana & Frey, 2000). Nessa perspectiva, assumo que “as entrevistas não são ferramentas neutras usadas para coletar dados, mas interações ativas entre duas (ou mais) pessoas que levam a resultados contextualizados e negociados” (Ibid., p.646).

Baker (2001, p.777), ao tratar da análise etnometodológica de entrevistas, aponta para o trabalho interativo no processo de perguntas e repostas. Segundo a autora,

a análise etnometodológica chama atenção para o trabalho interativo que ocorre durante o processo de pergunta e resposta, que é entendido como um lugar no mundo social tão ‘real’ quanto qualquer outro e onde os participantes têm interações conversacionais, empregando recursos recrutador de seu pertencimento a outros cenários. Tais análises se preocupam com o *como* os participantes fazem o trabalho de interação conversacional, incluindo a maneira como percebem uns aos outros, como constroem ‘um corpo de conhecimento relacionado a entrevistas’, como negociam identidade e como caracterizam e ligam os mundos sobre os quais falam.

Nesta perspectiva, a questão da presença do entrevistador (também chamada de “paradoxo do observador”) não é vista como um problema já que a entrevista é vista como um momento interacional de características próprias. É preciso desmistificar o papel do entrevistador (pelo menos nos casos de entrevistas semi-estruturadas) como a pessoa que pergunta para que o entrevistado responda. Como veremos nas análises, nem todas as perguntas são respondidas pelo entrevistado e, nem sempre, o entrevistador controla ou estabelece o tópico das respostas.

No curso da interação, na entrevista de pesquisa, surgem também “accounts”, que são distintas dos relatos, quando os participantes se engajam em atividades de explicar, atribuir, justificar, descrever, entre outras possibilidades, como forma de dar sentido a eventos, pessoas, lugares, sobre os quais eles falam (Baker, 2001, p.781).

A negociação de tópicos e de turnos ocorre na entrevista da mesma forma que ocorre em diversos contextos de fala em interação. As entrevistas em grupo mostram mais claramente as tomadas de turno, a seleção de falantes e a mudança de tópicos que pode ser feita por qualquer um participante, independentemente do tópico inicial que pode ter sido selecionado pelo entrevistador ou por qualquer outro participante. Fontana & Frey (2000, p.651), definem a entrevista de grupo como “uma técnica de coleta de dados (...) que se baseia no questionamento sistemático de vários indivíduos simultaneamente, em um contexto formal ou informal”. Eles ressaltam que as perguntas podem ser desde extremamente estruturadas a não estruturadas, dependendo do propósito da entrevista. Aqui, a entrevista em grupo foi semi-estruturada, pois previa perguntas com tópicos determinados, mas que podiam ser respondidas pelos participantes livremente. Ainda, os próprios participantes tiveram a liberdade de propor e discorrer sobre tópicos não previstos pela entrevistadora.

Fontana & Frey (2000, p.652) afirmam que as entrevistas em grupos apresentam algumas vantagens, em relação às entrevistas individuais:

Elas [as entrevistas em grupo] são relativamente isentas de custos para serem conduzidas e freqüentemente produzem dados ricos que são cumulativos e detalhados; eles podem ser estimulantes para os entrevistados, auxiliando a memória; e o formato é flexível.

Além das vantagens, os autores apresentam também os problemas das entrevistas em grupos: “os resultados não podem ser generalizados; a cultura do grupo emergente pode interferir na expressão individual e o grupo pode ser dominado por uma pessoa; e ‘pensamento de grupo’ é um possível resultado” (Fontana & Frey, 2000, p.652).

Como forma de complementar a entrevista em grupo, feita na chegada dos intercambistas, uma etapa inicial de entrevistas individuais foi feita logo após a entrevista em grupo. Duas outras etapas de entrevistas individuais foram feitas, em um processo longitudinal (conforme desenvolvido na seção 4.4).

4.2.

Contexto da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa, escolhi trabalhar com um programa de intercâmbio para jovens, movida pela curiosidade de compreender como e porque adolescentes decidem passar um ano de suas vidas, ainda no período escolar, em um outro país, longe de suas famílias, aparentemente sem um propósito específico (como nos casos de intercâmbio de estudantes universitários, em que resolvem se aprofundar em uma área de conhecimento ou de intercâmbio entre empresas, que costumam oferecer treinamentos em tecnologia de ponta). Nas buscas por pesquisas realizadas com intercambistas, trabalhos com jovens universitários, ou com adultos que passam um tempo no exterior a trabalho ou para estudos avançados foram encontrados (Pereira, 2009; Batista, 2007). Todavia, raros foram os trabalhos que lidavam com o intercâmbio de jovens que, ainda em período escolar, decidem passar um ano de suas vidas conhecendo um novo país, uma nova sociedade, uma nova cultura em um programa que se auto-denomina “intercâmbio cultural” (ver Rezende, 2009).

O programa de intercâmbio, de caráter internacional, no qual se insere a presente pesquisa, permite que os jovens entrem em contato com a cultura do outro, vivenciando o seu dia-a-dia, no contexto de família, em pequenas cidades do interior de Minas Gerais. Do ponto de vista das cidades que recebem o estudante estrangeiro, a troca cultural também é feita, já que o intercambista vai levar para seu país um pouco da cultura vivida e vai trazer para os habitantes a

oportunidade de conhecer um pouco mais de sua cultura “estrangeira”.

Além das cidades mineiras que os abrigam no período de intercâmbio, esses jovens também têm a oportunidade de viajar por diversas cidades brasileiras, tanto com as famílias que os recebem, como em excursões preparadas especificamente para os mesmos. Assim eles têm a oportunidade de conhecer diversidades culturais de diferentes regiões do Brasil.

O programa de intercâmbio deste estudo é coordenado por uma instituição sem fins lucrativos, e a coordenação do setor de intercâmbios para a região em Minas Gerais fica em Juiz de Fora. Ao mesmo tempo em que a instituição traz anualmente jovens de diversos países para participar do intercâmbio, jovens brasileiros vão para diversos outros países, viver fora do Brasil por um ano.

Deste estudo, participaram seis intercambistas (seção 4.3) que vieram para pequenas cidades de Minas Gerais e viveram nestas cidades entre 2007 e 2008.

4.3. Negociação da pesquisa e os sujeitos envolvidos

A permissão para a realização do presente projeto dependeu de uma negociação prévia, tanto por telefone quanto por e-mail, com os coordenadores do programa de intercâmbio de jovens, estudantes do ensino médio.

Após vários contatos com os mesmos, a permissão para realizar entrevistas com os intercambistas foi concedida e fui, então, convidada a participar da reunião de boas vindas dos intercambistas. Essa reunião foi feita em três dias consecutivos, e minha presença foi permitida no dia 27 de setembro de 2007, quando pude fazer uma entrevista em grupo e uma entrevista individual com cada um dos intercambistas.

Nesse período, os seis intercambistas, nomeados a seguir, ficaram reunidos. Os nomes são fictícios de forma a garantir a anonimidade dos participantes:

- Allan – jovem americano que passou o período de intercâmbio em Muriaé, de julho de 2007 a maio de 2008.
- Dave – jovem dinamarquês que passou o período de intercâmbio em Ponte Nova, de agosto de 2007 a julho de 2008.

- Pat – jovem americana que passou o período de intercâmbio em Cataguases. Pat chegou em agosto de 2007, mas não mencionou em sua entrevista o mês em que foi embora. No entanto, ela permaneceu no Brasil em torno de 10 a 12 meses, tendo cumprido o prazo de intercâmbio.
- Isaac – jovem mexicano que passou o período de intercâmbio em Além Paraíba, de agosto de 2007 a junho de 2008.
- Sophie – jovem belga que passou o período de intercâmbio em Juiz de Fora, de agosto de 2007 a julho de 2008.
- Marie – jovem belga que passou o período de intercâmbio em Juiz de Fora, de agosto a dezembro de 2007, não tendo permanecido no Brasil no período previsto de intercâmbio. Apesar de sua participação marcante na primeira entrevista, feita em grupo, Marie não aceitou participar das etapas de entrevista individual¹.

4.4.

A realização das entrevistas

Neste estudo longitudinal, várias entrevistas foram feitas, cada uma delas em situações interacionais diferenciadas.

4.4.1.

A entrevista em grupo

A primeira etapa de entrevista consistiu de uma entrevista em grupo, na qual os entrevistados e a entrevistadora se apresentaram e se conheceram um pouco. Nessa entrevista, participaram Allan, Pat, Isaac e Marie, já que Sophie e Dave não estavam presentes no momento. Os participantes falaram do processo envolvido no programa de intercâmbio, das escolhas dos países de destino, dos preparativos para a viagem e dos primeiros contatos com o Brasil e os brasileiros.

Essa primeira entrevista foi primordial para o estabelecimento das relações entre os participantes da pesquisa. Como pesquisadora, parti do pressuposto de

¹ Cabe aqui agradecer por sua sinceridade ao afirmar não querer participar das etapas da pesquisa. Sua recusa teve um papel essencial no meu processo de compreensão das questões e inquietações que circundam a vida destes intercambistas.

que, já que estaria em contato com diversos estrangeiros, de diversos países, que não conheciam a língua portuguesa, deveria me dirigir a eles em inglês, já que o inglês é hoje considerado como língua global. Minha opção pelo uso do inglês provocou certa resistência na primeira entrevista, por parte dos estrangeiros não nativos da língua inglesa, que se mostraram intimidados com a presença de falantes nativos da língua inglesa. Esse problema ficou amenizado quando, já na primeira pergunta da entrevista, cometi um equívoco (estrutural) em inglês, o que fez com que os não nativos em língua inglesa se sentissem um pouco mais à vontade para se comunicar, sem se importarem com a ocorrência de “equívocos” por conta da língua estrangeira. Todavia, Isaac, como falante de espanhol, não se sentiu à vontade para usar o inglês e, por isso, preferiu formular sempre respostas curtas e diretas.

4.4.2.

Entrevista individual – Primeira etapa

A primeira etapa de entrevistas individuais foi realizada no mesmo dia da entrevista em grupo, pouco tempo após a mesma, quando os intercambistas ainda estavam reunidos. A entrevista foi feita com os cinco intercambistas que aceitaram continuar na pesquisa (Marie não concordou em participar das etapas de entrevistas individuais). Alguns tópicos previamente mencionados na entrevista em grupo foram retomados e novos tópicos foram abordados.

Tendo então percebido o equívoco da falta de negociação da língua na entrevista em grupo, decidi iniciar as entrevistas individuais estabelecendo esta negociação. Isaac preferiu fazer a entrevista em “portunhol”, havendo tanto eu quanto ele alternado as línguas para facilitar o processo interacional.

Sophie sugeriu que fizéssemos a entrevista em neerlandês. No entanto, devido à minha incapacidade de compreensão e comunicação nessa língua, renegociamos e concluímos que o inglês seria o melhor meio de comunicação.

Dave, apesar de constantemente afirmar suas poucas habilidades em língua inglesa, também achou melhor que a entrevista fosse conduzida em inglês, já que era a única língua que compartilhávamos.

Pat e Allan, como falantes nativos de inglês, resolveram que a entrevista poderia ser feita em sua língua nativa.

4.4.3.

Entrevista individual – Segunda etapa

A segunda etapa de entrevistas individuais também foi realizada face-a-face, no mês de março de 2008. Nessa etapa, não foi possível fazer uma entrevista em grupo, já que cada intercambista estava em uma cidade diferente. Nesse caso, tive que me deslocar até suas cidades, onde fui recebida pelos mesmos. Para esta etapa, foi necessário ir a Muriaé e Juiz de Fora, no dia 14 de março, para realizar duas entrevistas, sendo uma com um intercambista norte-americano (Allan) e outra com uma intercambista belga (Sophie). No dia 17, foi feita a segunda entrevista com o intercambista dinamarquês (Dave), em Ponte Nova. No dia 19, em Além Paraíba, entrevistei o intercambista mexicano (Isaac) e, no dia 20, em Cataguases, fiz a segunda entrevista com a intercambista americana (Pat). As entrevistas de Dave, Isaac e Allan foram feitas nas casas onde estavam morando. A entrevista de Sophie foi feita no carro, enquanto íamos para o cinema assistir a um filme. A entrevista de Pat foi feita em uma das praças da cidade.

A entrevista individual nessa segunda fase foi também marcada pela alternância de códigos. Os entrevistados, já com algum conhecimento de português, alternaram a fala, no decorrer da entrevista, que foi feita parte em português, parte em inglês (ou espanhol, no caso de Isaac). Apenas Dave foi relutante em usar o português, pois, como ele mesmo afirmou, conseguiu melhorar bem o inglês no período de intercâmbio, já que as pessoas conversavam com ele mais em inglês do que em português. Além disso, Dave também estava frequentando um curso de língua inglesa.

4.4.4.

Entrevista individual via computador – Terceira etapa

A terceira etapa, que representa o retorno dos estudantes a seus países, foi um pouco mais complicada do que as anteriores, já que foi necessário o uso de um programa de computador com tecnologia de voz em tempo real para que as entrevistas fossem realizadas, não tendo sido feitas, portanto, face-a-face.

Também foi necessário que os intercambistas possuíssem os equipamentos

(um computador com um programa de voz instalado, um microfone e caixas de som), bem como disponibilizassem tempo para a realização da entrevista. Esses fatores fizeram com que alguns intercambistas não participassem desta etapa.

A terceira etapa de entrevistas, então, foi feita no dia 05 de agosto de 2008. Nessa etapa, tive oportunidade de conversar separadamente com Sophie e com Isaac. Allan também aceitou participar desta terceira etapa. No entanto, por um problema no manuseio do equipamento de gravação, não percebi que a entrevista não estava sendo gravada e, depois, Allan não conseguiu mais disponibilizar outro horário para que a entrevista fosse refeita.

Essa terceira etapa caracteriza-se por uma entrevista à distância, mediada por computador. Usando principalmente a tecnologia de voz, a própria entrevista teve que ser constantemente negociada, devido a problemas e interferências do programa de voz *online* em tempo real, que às vezes impossibilita a compreensão da interação. Até mesmo em função dessas interferências, frequentemente o recurso de texto escrito do programa também foi utilizado.

Nessa etapa das entrevistas, retomei tópicos abordados nas entrevistas anteriores e fiz perguntas relacionadas aos preparativos para o retorno ao país de origem, às despedidas no Brasil, à recepção pelos familiares e amigos e sobre quais seriam as lembranças mais marcantes que levariam do Brasil.

Nestas três etapas de entrevistas individuais, busquei articular perguntas que refletissem o processo de configuração e reconfiguração identitária dos intercambistas, desde os preparativos para vir para o Brasil, a viagem, a chegada e a recepção pela família brasileira, o período de permanência no Brasil, as viagens pelo país, os preparativos para o retorno e a volta e recepção em seus países.

Nas entrevistas, através das histórias co-construídas, negociamos nossas identidades, como brasileiros ou estrangeiros; como “eu” ou como “outro” e, como estabelecido, *outsider* ou como ocupante de um entre-lugar social. Estas identidades se mostraram como construtos fluidos e situacionalmente localizados.

4.5.

Tratamento dos dados: transcrição, organização e seleção

O processo de transcrição foi feito a partir das convenções da Análise da Conversa (ver Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003; Gago, 2003). Como algumas

entrevistas foram feitas totalmente em inglês, outras alternaram entre inglês e português, e algumas foram feitas apenas em português e outras em “portunhol”, tive o cuidado de manter as alternâncias de código.

Em relação à transcrição das entrevistas feitas em “portunhol”, com Isaac (intercambista mexicano), cabe ressaltar que alguns aspectos da mistura entre português e espanhol não são possíveis de se distinguir ao se ouvir a gravação das entrevistas. Um exemplo bastante claro é a diferença entre “e” e “y” cuja pronúncia não apresenta diferença entre as línguas. Assim, não faço distinção entre eles, usando “e” na maioria dos casos. Um exemplo de marca do portunhol, no uso do vocabulário, está na palavra “cidad”. Em espanhol, ela seria “ciudad”, e em português, “cidade”. Ao tentar pronunciá-la em português, porém, Isaac omite a pronúncia da última sílaba gerando “cidad”. Nesses casos, tento reproduzir ao máximo as nuances entre português e espanhol, porém, devido à proximidade das línguas, nem sempre é tão simples notar essas sutilezas.

Na parte de análise, utilizo os dados na língua em que foram faladas pelos participantes. Os dados foram construídos longitudinalmente, levando-se em consideração o tempo que os intercambistas passaram no Brasil e serão analisados de acordo com a ordem cronológica de realização das entrevistas, dentro dos tópicos selecionados para análise.

4.6.

Orientações preliminares para a análise de dados

O primeiro aspecto relevante para a análise dos dados é a compreensão das narrativas contadas pelos intercambistas como narrativas de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005) que retratam a construção dos mesmos como atores sociais. Ao narrarem seus processos de deslocamento físico, temporal, social e emocional, eles apresentam pequenas e grandes narrativas (respectivamente, Georgakopoulou, 2007; Freeman, 2006) de suas trajetórias entre seus países e o Brasil, do período no qual viveram no Brasil e do retorno a seus países. A narrativa caracteriza-se, como sugere Ochs (2004, p.270), por retratar ou evocar uma seqüência de eventos.

Para a identificação dos tipos de narrativa encontrados, as estruturas propostas por Georgakopoulou (2007) foram utilizadas e outras estruturas,

diferentes dos dados estudados por ela, foram encontradas, como mostraremos, no decorrer da análise.

Dentre os tipos de pequenas narrativas apresentados por Georgakopoulou (2007), nos dados do presente estudo são recorrentes:

- a) **narrativas de experiência pessoal de passado** (estas são as narrativas que se enquadram no modelo laboviano);
- b) **referências**.

Os elementos estruturais que, segundo Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), compõem uma narrativa completa serão analisados como elementos recorrentes na estrutura textual da narrativa.

A orientação, um elemento freqüente que indica o aspecto temporal, espacial e situa os “personagens” da narrativa, é redefinida, sendo considerada como parte integrante da narrativa, que auxilia na definição e delimitação de papéis na entrevista. Na perspectiva apresentada por De Fina (2010), os dispositivos de orientação empregados por pessoas que passam por processos de desorientação na vida são negociados entre interlocutores e são parte integrante da narrativa, que auxiliam na definição e delimitação de papéis nas entrevistas.

A avaliação é vista não apenas como elemento estrutural, mas a partir de três camadas, como propõe Cortazzi & Jin (2003, p. 104): a avaliação *na* narrativa, *da* narrativa e *através* da narrativa. A avaliação *na* narrativa “refere-se, por um lado, a elementos estruturais (...) e, por outro, é um elemento funcional espalhado por vários pontos da narrativa e que coincide com outros elementos” (Cortazzi & Jin, 2003, p.107). A avaliação *da* narrativa tem como aspectos importantes as questões relativas a quem a narrativa pertence e quem traz a avaliação. Através da avaliação *da* narrativa os ouvintes demonstram compreensão do ponto e a concordância ou discordância com o que foi narrado. Segundas narrativas são também consideradas como avaliações de narrativas anteriores. A avaliação *através* da narrativa “pode significar que narradores, ouvintes ou as situações são avaliadas através da contagem” (Ibid., p.114). Para Cortazzi & Jin (2003), assim como para Linde (1997), a avaliação deve ser negociada e co-construída entre os participantes.

As tomadas de turno serão analisadas, segundo Sacks, Schegloff & Jefferson (2003). No curso da interação na entrevista de pesquisa, serão também

analisados “accounts”, quando os participantes estiverem dando explicações, fazendo argumentações, em resposta a perguntas da entrevistadora (Baker, 2001, p.781).

As repetições (Tannen, 1989) e os discursos diretos e indiretos co-construídos nas narrativas (Ibid.) são também explorados como recursos de construção e reconfiguração de pertencimento a grupo, indicadores de identidades sociais de grupo (Cuche, 2002) e de identidades coletivas (Snow, 2001).

As categorizações (principalmente aquelas relacionadas à nacionalidade) são muitas vezes ressaltadas pelos intercambistas e pela entrevistadora e são negociadas no decorrer da interação (Ochs, 1993; Day, 1998). Através das negociações, entrevistadora e entrevistados co-constroem espaços socioculturais ocupados pelos intercambistas, que ora se mostram como *outsiders*, ora como estabelecidos, mas, na maior parte do tempo, parecem ocupar um entre-lugar, dividindo-se entre o “aqui” e o “lá”.